



Votar em funcionários classistas e de luta para o Conselho Estadual da Afuse

O que levou a Corrente Proletária a intervir nas eleições da Afuse

No dia 8 de novembro, ocorrerão as eleições para a direção e Conselho Estadual de nosso Sindicato (AFUSE). Mais uma vez, a direção decidiu por uma eleição virtual. Ou seja, uma eleição despolitizadora, burocrática e individualizada. A eleição virtual é o sintoma mais visível do grau em que alcançou a burocratização da Afuse. O argumento da direção de que uma eleição virtual reúne mais votantes e é menos onerosa não se sustenta politicamente. A experiência já demonstrou que uma eleição virtual não necessariamente atrai mais votantes e acarreta, acima de tudo, um alto custo político. Isso pelo fato de ser despolitizadora e ser um ato voluntário (de um indivíduo filiado) de lançar seu voto no sistema virtual, determinado pela direção. Sem dizer, que os votantes não têm nenhum controle sobre os resultados do pleito.

Para chegar a esse nível de burocratização, a direção da Afuse aboliu as assembleias estaduais e realizou Congressos extremamente antidemocráticos. Sem as decisões coletivas das bases (dos funcionários que vivem diariamente os problemas das escolas), a direção impôs as mudanças estatutárias, criando critérios que impossibilitam a inscrição de uma chapa de oposição para disputar as eleições sindicais. É o que se passe hoje nessas eleições de 8 de novembro, quando somente a chapa da burocracia (chapa única) concorre as eleições. Assim, não importa o número de votos, porque a chapa 1 já está eleita.

A Corrente Proletária há muito vem criticando a burocratização da Afuse. Denunciou o Congresso, onde somente os apadrinhados puderam participar. Basta lembrar o que ocorreu com a eleição de delegados e a proibição de funcionários da Corrente Proletária de recorrerem no próprio Congresso a fraude na eleição dos delegados. Na eleição da Afuse passada, que foi virtual, a Corrente Proletária não apresentou seus candidatos para o Conselho, considerando que a direção poderia abandonar a farsa da eleição virtual. No entanto, não foi o que ocorreu. Essa burocracia instituiu o processo eleitoral virtual como regra. Assim, a Corrente Proletária avaliou que era necessário, agora, intervir apesar dessas duras condições, para que militantes classistas pudessem participar de uma instância do sindicato, que é o Conselho. E combater a burocratização que vem corroendo o sindicato, anulando-o como

instrumento dos trabalhadores para enfrentar as medidas privatizantes, a terceirização, o arrocho salarial e a destruição de direitos.

Votar nulo para a diretoria da Afuse

Os critérios impostos pela direção para a inscrição da chapa de oposição são impeditivos. Mas, é preciso considerar duas condições que pesaram na inscrição de uma chapa oposicionista para a direção da Afuse:

1) Os longos anos de afastamento da Afuse das escolas. Enquanto os governos avançaram sobre as condições dos funcionários, cortando direitos, mantendo o piso salarial de fome, ampliando a terceirização e fechando escolas, a direção da Afuse se recusava a organizar e convocar as assembleias estaduais. Ficou calada durante toda a pandemia, enquanto os funcionários conviviam com a tragédia da doença e morte. Não moveu um dedo sequer diante da terceirização, substituição de funcionários por trabalhadores privados, semi-escravizados. Manteve-se em silêncio frente a privatização de escolas, leilão ocorrido no dia 29 de outubro, e a criação das escolas cívico-militares. Essa conduta acabou fortalecendo a política dos governos de sucateamento e privatização de escolas. O que causou um profundo descrédito de uma parcela de funcionários em relação ao sindicato. E alimentando uma confusão entre o sindicato e a direção de um sindicato. A política dos governantes tende a piorar, e é necessário recuperar o sindicato para a luta. Está aí um dos objetivos da Corrente Proletária apresentar candidatos ao Conselho Estadual.

2) Os critérios burocráticos para a inscrição de uma chapa para concorrer às eleições. Tais critérios vão desde o número de funcionários para constituir a chapa, a “experiência” de três anos como conselheiro estadual, até a exigência de nomes em outros municípios do estado. Como não houve um Congresso democrático para rejeitar esses critérios antidemocráticos, a Corrente Proletária não conseguiu transpor essa barreira para constituir uma chapa de luta. Eis por que se vê na contingência de chamar o voto nulo para a diretoria. Trata-se de um voto consciente da necessidade de uma direção voltada à defesa das reivindicações e dos métodos próprios de luta dos trabalhadores.

Votar nos candidatos classistas para o Conselho Estadual

A Corrente Proletária, apesar de todos os impedimentos, comparece nesse momento chamando os funcionários a votar nos funcionários oposicionistas, classistas e de luta para o Conselho. Como para o Conselho, as inscrições continuam sendo nominais, a Corrente Proletária reuniu alguns funcionários e constituiu um agrupamento oposicionista à direção da Afuse. Chama, assim, o voto nulo na Chapa 1, pois se trata da continuidade da política nefasta aos funcionários e à educação pública em geral. E chama o voto no agrupamento de funcionários classistas para o Conselho Estadual.

Principais pontos de defesa dos funcionários de escola e dos explorados em geral

1) Por um piso salarial necessário para manter nossas famílias

A crise econômica capitalista tem empurrado a classe operária e os explorados em geral para a pobreza e miséria completa. Os funcionários da educação estão vivendo essa dramática situação. Os governos impuseram um brutal arrocho salarial. De dois salários mínimos e meio que recebíamos até o ano 2000, hoje se resume ao salário mínimo de R\$ 1.550,00. Qual família consegue viver - pagando aluguel, gás, água, luz e comprando alimentos - com o salário mínimo? **NE-NHUMA!** No entanto, a direção da Afuse continua achando que é possível, porque se recusa a organizar a luta por um salário mínimo vital. É vital porque está apoiado na existência do trabalhador e o seu valor é determinado pelos próprios funcionários, organizados em assembleias democráticas. Está aí por que estamos chamando a votar em funcionários classistas, que lutam pelo salário necessário para manter dignamente a família trabalhadora.

2) Fim da privatização e da terceirização

Os governos impuseram a terceirização nas escolas. Usaram as contrarreformas trabalhista e a Lei da Terceirização, aprovadas por Temer, endossadas por Bolsonaro e seguidas por Lula/Tarcísio, para terceirizar totalmente a cozinha e a limpeza das escolas. Em vez de contratar funcionários e efetivá-los, os governos contratam empresas que sugam o sangue dos terceirizados com salários ainda mais baixos que os do estado para lucrarem à custa do dinheiro público.

Agora, Tarcísio foi mais longe com a venda de escolas públicas. O leilão de dezenas de escolas na Bolsa de Valores evidencia o plano de privatização do governador, que iniciou com a venda da Sabesp, avançou para a CPTM e Metrô, e atingiu as escolas públicas. Com a terceirização e a privatização, Tarcísio entrega para a iniciativa privada a contratação de funcionários e professores nas escolas.

O que tem feito a direção da Afuse e sua Chapa 1? **NADA!** A Corrente Proletária tem insistido nessa luta contra a terceirização, defendendo a reivindicação de

efetivação de todos os trabalhadores terceirizados. E lutando contra a privatização das escolas, ou seja, contra a entrega de escolas públicas para as empresas lucrarem, saqueando os cofres públicos.

3) Lutar pelos nossos direitos

Os governos têm eliminado conquistas históricas conseguidas por meio da luta. Tem fortalecido uma divisão entre os funcionários, por meio da imposição de um "Plano de Carreira" antidemocrático, que tem em sua essência as avaliações de mérito. E imposto os contratos temporários, submetendo inúmeros funcionários a um trabalho estafante e por tempo determinado. Os miseráveis salários, a terceirização e os contratos temporários têm agravado as doenças próprias da superexploração. Com a privatização, o governo entregará toda a gestão escolar - direção, coordenação e funcionários - para as empresas que estão arrematando os lotes de escolas na Bolsa de Valores.

O que tem feito a direção da Afuse e sua chapa 1? **NADA.** Contra esse imobilismo, que a Corrente Proletária intervém nas eleições chamando a votar nos funcionários classistas para o Conselho.

4) Recuperar a Afuse para a defesa das reivindicações vitais

A experiência já mostrou que, com os funcionários descontentes, dispersos nas unidades escolares e individualizados, não é possível enfrentar uma política de Estado, que é centralizada. Como vimos, o salário mínimo de fome, a terceirização, a privatização e a eliminação de direitos trabalhistas são políticas de governos, que administram o Estado burguês (capitalista).

O sindicato, que foi criado pela classe operária para enfrentar a exploração capitalista, é um instrumento de luta dos trabalhadores. No entanto, na sua grande maioria, acabaram se transformando em correa de transmissão da política dos governos. Está sob o controle de direções que praticam a conciliação de classes. Rejeitam os métodos próprios dos trabalhadores, que são as manifestações de rua, as greves etc., ou seja, a luta coletiva dos explorados contra os patrões e os governos.

Diante da truculência dos governos para quebrar os sindicatos, o que tem feito a direção da Afuse e a sua chapa 1? **NADA.** Tem ampliado a burocratização e se utilizado do sindicato para impor sua política conciliadora.

A Corrente Proletária intervém nas eleições, para divulgar seu programa classista e de combate aos governos e à burocratização da Afuse. Tem defendido a democracia sindical, ou seja, as assembleias, reuniões e congressos assentados na mais ampla democracia, com direito de expressão de todas as posições políticas. Para isso, dando um basta às eleições antidemocráticas e virtuais, chamando à defesa das eleições presenciais, com direito democrático para a inscrição de chapas e defendendo a independência política da Afuse diante dos governos e da política burguesa. Intervém nas eleições chamando os funcionários a fortalecerem esse polo classista, expresso pela política da Corrente Proletária.